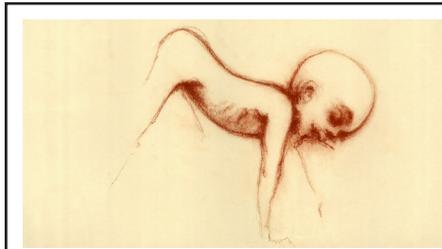


RESENHAS





A CORAGEM DE SE RELACIONAR CRITICAMENTE COM A ARTE CONTEMPORÂNEA

Marcos Rizolli*

O cenário que nos é apresentado pelo escritor, crítico de arte e curador francês Nicolas Bourriaud, em seu livro *Estética relacional*, é aquele de que tem havido pouco interesse da crítica de arte para desvendar – para, enfim, fazer o grande público compreender – os mais emergentes fenômenos da arte contemporânea. Contudo, o sentimento de desinteresse pode estar escondendo a mais justa razão: não se tem tido coragem (vale dizer: uma coragem coletiva!) para o tênue enfrentamento teórico e metodológico acerca das novas ocorrências da expressão artística internacional dos últimos vinte anos.

Segundo o autor, as bases modernistas das imagens (compreendidas em suas estruturas de linguagem), as bases conceituais (referenciadas por suas argumentações metafóricas) proeminentemente presentes desde a segunda metade do século XX e as bases tecnológicas (notadamente as digitais e seus encantamentos do tipo “ano zero da arte”) não mais deveriam orientar o norte analítico de parcela significativa da arte atual.

Contra o sintoma percebido (aquele de uma sugerida covardia crítica), Bourriaud ainda deixa a mensagem de que deveríamos impedir a instalação de uma preguiça analítica ou, mais tentadora ainda, deveríamos nos distanciar de uma anestesiada adesão ao sistema da arte – para não configurar ou até mesmo manter um cenário burocratizado: nos museus e nas galerias; entre curadores e *marchands*. Assim, críticos de arte destituídos de um necessário caráter prospectivo – tão ancestral e naturalmente presente na arte de todos os tempos – acabariam por lançar ideias e conceitos que, cada um a seu modo, não enfrentariam o, há muito e publicamente instalado, sentimento de estranhamento e ignorância diante de obras de arte, feitos ou experiências artísticas contemporâneas.

Bourriaud acentua a estética relacional aos estados da percepção – notadamente ao olhar; trata da diversidade das ordens espaço temporais – compreendidas, aqui, as excêntricas materialidades da arte contemporânea; relaciona sua ideia estética para a dimensão das

* Doutor em Comunicação e Semiótica (Artes) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor do Programa da Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Crítico de arte e curador independente.

esferas sociais – notadamente metropolitanas – discriminados o centro e as áreas periféricas, tanto geográficos quanto simbólico-culturais.

O seu conceito de uma estética relacional, assim, se revela amplo e complexo. E exatamente por isso deva ser dimensionado como um método instrumental a fim de se abordar criticamente a arte contemporânea.

Nesse método crítico-relacional, muitos outros agentes conceituais estão presentes. Bem assim: a intimidade dos sujeitos contemporâneos (atitudes e afetos); a existência em rede (encontros, conexões e convivências); o estar relacional (sociedade, cultura e arte). Desse modo: ficam estabelecidas as paridades criativas entre artista, obra de arte e público espectador.

Bourriaud reafirma que, fundamentalmente, a arte contemporânea não quer mais se interessar por imagens, conceitos nem tecnologias – em seus prognósticos ensimesmados. Assim deveria ser também a crítica de arte contemporânea pautada pela estética relacional.

Para além do pensamento de Nicolas Bourriaud, no universo das relações contemporâneas, a arte – agora – seria uma questão comportamental! Será?

BOURRIAUD, N. *Estética relacional*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009. 151 p.